

CRER-SER: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM AS EMOÇÕES₁

Claudiana Maria Nogueira de Melo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

GT 09 - Educação Infantil e Fundamental

1-INTRODUÇÃO:

Caminheiro, não existe caminho

O caminho se faz ao caminhar

(Machado.Aput Lucena,2001.p13)

Durante toda a minha experiência como alfabetizadora de crianças, entendi a afetividade como um importante aliado na intenção pedagógica, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis na produção desse saber para as crianças. No entanto, a afetividade se assumia como elemento instigante mas ainda restrito.

Na busca de compreender melhor a importância da afetividade para o seu desenvolvimento , aprofundi-me na teoria de Henri Wallon, já que o referido autor apresenta uma concepção de emotividade sobre o qual debruçou-se com atenção, buscando apreender a criança em seu desenvolvimento contextualizado como pessoa complexa e completa, a psicogênese da pessoa como um todo.

Segundo o autor a afetividade designa, aqui, os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. É um processo corporal e centrípeda que obriga a consciência a se voltar para as alterações íntero e proprioceptivas que acompanham e prejudica a percepção do exterior. Caracteriza não o processo relacional, mas o fechamento da consciência sobre si.(Heloísa Dantas, 1990;10)

Wallon propõe ser a criança essencialmente emocional e geneticamente social e seu desenvolvimento é entendido como socialização progressiva e individuação crescente e isto quer dizer que o desenvolvimento é uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância afetiva e cognitiva alternada .

Tendo isto compreendido, um novo caminho se fez em minha prática educativa e assim surgiu em minha sala de aula o Projeto Crer-Ser, viabilizando um trabalho com a dimensão humana do aluno.

2-JUSTIFICATIVA:

O interesse por esta temática surgiu de um projeto desenvolvido, sob circunstâncias diferentes, pelo Núcleo de Apoio Psicopedagógico de minha escola, com crianças que apresentavam algum tipo de dificuldade de ordem cognitiva, social ou emocional. Durante o horário de aula, estas crianças eram retiradas de suas salas e eram convidadas a formarem um novo grupo num ambiente diferenciado, geralmente ao ar livre. Lá eram desenvolvidos trabalhos e vivências com o corpo e natureza, visando à sensibilização e auto-consciência.

No ano letivo seguinte, este projeto passou a acontecer nas salas de aulas, sob o comando das professoras. Tínhamos uma certa resistência ao trabalho, pois acreditávamos que o mesmo deveria ser desenvolvido por psicólogos e não por pedagogos. Surgiram dificuldades, mas implantamos nas turmas o Projeto CRER-SER. No entanto, apesar das conquistas não demos continuidade ao projeto no ano posterior.

Tomada por uma inquietação da minha própria prática, onde o valor maior a meu ver é a possibilidade de enfrentar as dificuldades advindas, e transformando-as em desafios, busquei me fundamentar teoricamente para melhor compreender e refletir sobre esta abordagem, para então assumir efetivamente este projeto inovador e desafiador. Como educadora, o crescimento de pensar sobre as próprias experiências para construir uma nova identidade docente foi um grande aprendizado. GOMEZ (1992) é um defensor do professor como prático, autônomo, que reflete, toma decisões e cria durante a sua própria ação, ao que chama de diálogo reflexivo, capacidade que é considerada por Schon (1992) como reflexão na e sobre a ação. Por isso se fez necessário descobrir-me como pesquisadora, mesmo que de forma iniciante, da minha própria prática, fazendo assim a práxis, que é a unidade teórica e prática de forma refletida e redimensionada. Segundo PIMENTA (1994:93),

A atividade docente é práxis... , é sistemática e científica a medida em que tenta objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) e é intencional, não causuística.

Um dos motivos que também propiciou a elaboração e implementação desse projeto pedagógico, foi um dos conceitos centrais da teoria Walloniana, que postula que a inteligência surge da afetividade. Daí seu caráter fundamental para o desenvolvimento da criança. Acredito que tal concepção não admite uma escola centrada em conteúdos que objetivam, com exclusividade, o desenvolvimento cognitivo dos alunos, mas sim uma educação voltada para os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade, trabalhando-os de forma integrada, respeitado em cada fase do desenvolvimento, o sistema de relações entre a criança e seu ambiente.

Por tudo isto o projeto foi orientado pelos seguintes questionamentos:

- Como a criança percebe e administra seus conflitos de autoconhecimento e as sensações de medo, raiva, amor, prazer e vergonha?
- Como a escola pode trabalhar a auto-aceitação e a autoconsciência, empatia e administração de sentimentos e emoções?
- Que estratégias podem ser construídas para a administração das emoções?
- Como as crianças interagem entre si, diante de uma situação de conflito?

3- OBJETIVOS:

- Trabalhar com as emoções;
- Construir um clima afetivo e seguro;
- Contribuir para o desenvolvimento de sujeitos autônomos;
- Administrar sentimentos e/ou emoções;
- Incentivar a construção da cidadania;
- Promover trabalho pedagógico envolvendo a auto-aceitação e autoconsciência;

- Aprimorar os esquemas de comunicação emocional das crianças;
- Expressar verbal ou artisticamente sentimentos e emoções.
- Transformar comportamentos;
- Proporcionar melhoria da aprendizagem.

4-PERCURSO METODOLÓGICO:

Este estudo configurou-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, especificamente apropriado à pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, pois visa identificar os múltiplos e outros sentidos de uma realidade investigada.

Para o trabalho, foram desenvolvidas atividades com as crianças de alfabetização, visando à elaboração verbal e escrita da apropriação dos sentimentos despertados através de vivências. Nessas vivências utilizamos uma técnica denominada VISUALIZAÇÃO CRIATIVA, tomando por base a literatura que versa esse tipo de técnica. Notadamente para este trabalho foi utilizado o livro “Visualização criativa” com crianças, de Jennifer Day³. Por pensarmos através de imagens, a autora acredita que a visualização é um meio fácil de estimular essa capacidade inata e que esta técnica ajuda as crianças em sua habilidade natural de criar imagens e a usá-la de forma criativa para vencer os desafios que enfrentam no dia-a-dia.

Segundo Day, a visualização criativa é o uso consciente da imaginação criativa, aplicada ativamente na sua vida cotidiana com o propósito de atingir metas, de superar obstáculos, de conhecer a si mesmo e de melhorar a qualidade da sua vida.

Para as crianças que têm necessidades ou problemas específicos – como pesadelos em demasia, medos, raiva, hipersensibilidade, hiperatividade - a visualização criativa pode ser um instrumento precioso e indispensável para que elas possam superar ou enfrentar desafios.

Mais importante ainda: através da visualização criativa, o processo de crescimento interior torna-se DIVERTIDO! Esta técnica ajuda a criança a crescer e a se desenvolver alegre e harmoniosamente, realizando seu potencial como indivíduo.

A possibilidade da utilização desta proposta, permite a criança uma interação particularmente diferenciada com o contexto. Nesse processo, afetividade e inteligência se alimentam reciprocamente, uma sempre evolui às custas da outra e vice-versa.

O roteiro básico de uma sessão de visualização criativa tem uma seqüência preestabelecida. A ordem dos processos usados numa sessão é o aspecto mais importante do roteiro, pois é o que determina os níveis de energia, o fluxo, a sinceridade, a receptividade e o equilíbrio.

As vivências eram divididas em cinco momentos, os quais detalharei posteriormente.

Movimento criativo

- Relaxamento.
- Visualização criativa
- Atividade criativa
- Partilha

Dois são as formas do indivíduo expressar significados do mundo e das relações que se estabelecem, inclusive numa significação constante, de si e do outro, sob duas formas privilegiadas: a ação e a linguagem. Essa compreensão norteou o foco das análises aqui expostas, bem como foi o eixo catalizador do desenvolvimento deste projeto.

Vale ressaltar que foi igualmente considerada a expressividade não-verbal (postura corporal, expressões faciais, interdições, as reticências, o não-dito).

4.1- OS SUJEITOS

Participaram dessa experiência em sala alfabetizadora, professora e 24 crianças de faixa etária variando entre 5 e 6 anos. Na turma existem duas crianças com necessidades especiais, por isso foram objeto maior para a elaboração do projeto. Visto que os mesmos apresentavam ira e agressividade quando contrariados, agitação e dispersão. Um deles, o mais preocupante, tinha um histórico familiar problemático. Pois seu único irmão, que era portador de paralisia cerebral havia morrido há três anos e o mesmo não aceitava sua morte e nem tão pouco a separação dos pais que acontecera logo depois.

À medida que as crianças que tinham dificuldades comportamentais iam reagindo agressivamente com os colegas de sala diante de algum conflito, o perfil da turma foi mudando. Passaram a ficar agitados e agressivos também. Foi como um efeito dominó.

4.2- PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:

O projeto se desenvolveu na própria sala de aula, uma vez por semana com duração máxima de uma hora. As atividades eram planejadas integradas ao plano semanal, com objetivos e estratégias definidos. O espaço da sala era cuidadosamente modificado para melhor acomodar as atividades das vivências. Assim, mesas e cadeiras eram postas num canto da sala para garantir um maior espaço para as crianças. Janelas e porta eram fechadas para que não houvesse interrupção de qualquer espécie.

O trabalho com a afetividade desenvolvido com essas crianças estava centrado na preocupação em levar o aluno a identificar as emoções principais, presentes nos diferentes grupos que convivem e trabalhar a administração dessas emoções para que diante de uma frustração, saibam conduzir de uma forma mais saudável suas reações.

As vivências seguiam as seguintes etapas:

1) **Movimento criativo:** Ficar descalço e movimentar-se pela sala ao som de alguma(s) música(s), para que a criança se percebesse no ambiente, expressando sua consciência corporal.

2) **Relaxamento:** Com uma música relaxante, deitar no chão e progressivamente ir relaxando o corpo, seguindo os comandos da professora., buscando manter a mente tranqüila e leve. Esta etapa prepara a consciência para a etapa posterior.

3) **Visualização criativa:** Com o tom de voz calmo e audível, fazendo pausas durante todo o processo. A criança com os olhos fechados, mas mantendo a consciência alerta, vai visualizando uma caminhada com os detalhes que a professora vai falando. Como: plantas, animais, cheiros, sons até chegar a um determinado local onde são transformadas as emoções e sentimentos. Há o percurso de volta até retornar ao início do caminho percorrido e lentamente retorna a consciência para a sala de aula.

4)**Atividade criativa:** desenho e pintura a partir da visualização. Segundo Wallon, o processo de simbolização é decisivo para que o pensamento atinja uma representação mais objetiva da realidade, pois substitui as referências pessoais por signos, referências mais objetivas.

5)**Partilha:** socialização verbal de sentimentos e emoções vividos

Realizar estudos que privilegiem a voz da criança, ainda comumente a voz silenciada em sala de aula, possibilitou espaços para ouvi-la. Ampliar a atenção do professor para o universo infantil, desenvolvendo uma escuta atenta às suas necessidades e desejos, constitui uma valiosa experiência de observação e reflexão da prática docente.

Faz-se necessário para a melhor compreensão do Projeto CRER-SER, a descrição de uma das vivências:

1) Crianças caminhando livremente pela sala descalças ao som de uma música. A cada mudança de música, criação de movimentos corporais seguindo o ritmo. A mudança de ritmos seguia uma graduação de lento ao dançante. Durante esta etapa, a turma fez criativos movimentos interagindo plenamente com as músicas, até ficarem completamente harmonizadas entre si. Era como se apresentassem uma coreografia. Porém uma das crianças (que era um dos sujeitos focais do projeto), começou a correr pela sala e a jogar-se nas paredes demonstrando euforia e prazer. Esta criança terá o nome fictício de José. José apresentava comportamentos diferentes, segundo seus pais. Ao mesmo tempo em que se mostrava tímido e calmo em casa, na escola ficava agitado, agressivo e com dificuldades de relacionamento com a turma.

Parecia que tal conduta na escola se dava pelo fato de José não conseguir administrar seus sentimentos e emoções nas interações com a turma, pois ele era agressivo frente a alguma situação de conflito ou quando se sentia incapaz, ou frente a um colega que desempenhava uma função “melhor” do que ele,...

Em certo momento da primeira etapa, foi colocada uma música relaxante e a turma toda foi se acalmando, com exceção de José que continuava a correr. A professora então se aproximou da criança, abraçou-a e juntas foram buscando caminhar seguindo o ritmo. Depois de acalmado, José foi convidado, assim como as outras crianças, a se deitarem no chão.

Iniciou-se um trabalho de relaxamento corporal seguindo os comandos da professora.

Em seguida, depois de relaxados , mas mantendo a consciência alerta a professora começou a visualização criativa.

“Imagine que você está caminhando por uma trilha numa floresta. Existem animais de todos os tipos e tamanhos, plantas, flores. Sintam os cheiros e os sons que vêm deste local. Todas as cores da floresta são muito vivas e bonitas. O Sol está brilhando intensamente e as aves estão cantando uma canção de boas-vindas. Ande pela trilha por algum tempo, explorando-a (pausa). Esta trilha vai lhe levar até uma caverna. Você entra nesta caverna que está escura e percebe uma luz distante. Caminha até lá e percebe que a luz sai de um espelho. Você se olha no espelho (pausa) e essa luz penetra em todo o seu corpo e você se sente calmo, leve e feliz. Depois de ter se misturado com esta luz, é hora de voltar e você refaz todo o percurso de volta. Chegando ao início da trilha você vai retornar lentamente para a sala de aula.”

A próxima etapa consistiu em as crianças ficarem sentadas em roda e criarem desenhos representativos do que viram refletidos no espelho.

Este momento foi de profundo significado para as crianças, pois relataram sua vivência e demonstraram mesmo que de forma inconsciente, como estavam emocionalmente naquele período.

Houve uma “coincidência” entre os desenhos. Muitos desenharam seus próprios reflexos junto com alguns amigos e outras crianças desenharam flores.

Os desenhos em anexo obtiveram atenção e reflexão maiores:

Desenho 1: CRIANÇA QUE VIU REFLETIDO UM MONSTRO

Desenho 2: CRIANÇA QUE VIU UM HOMEM ARMADO E CORAJOSO.
PORQUE SE VISSSE UMA MÚMIA A MATARIA

Desenho 3: CRIANÇA QUE SE VIU CHORANDO POR ESTAR PRESA
AO ESPELHO

Fazendo relação dos desenhos das crianças com as suas personalidades foi inevitável o levantamento de alguns questionamentos. Como por exemplo: Que relações têm a múmia de José com sua timidez? Quem é este homem armado? Por que ele quer a morte da múmia? Será que ele se sente preso? Por quem ? Como?

Ou ainda, por que a menina ficou presa ao espelho? O que representa este choro?

Que relações têm o monstro visto no espelho com as dificuldades de aprendizagem dessa criança?

Inúmeras poderiam ser as hipóteses, mas o que há de mais relevante nesta experiência é a possibilidade permitida às crianças de falarem sobre si mesmas. Expressar verbal ou graficamente o que está silenciado e o que há de mais íntimo dentro de si. Uma prática em que segundo WALLON, a dimensão estética da realidade é valorizada e a expressividade do sujeito ocupa lugar de destaque.

A viabilização de ambientes favoráveis à exposição de realidades silenciadas nas crianças, são caminhos que podem representar o entendimento e a prática docente como pesquisa. LUCENA diz que para que isto aconteça é preciso reconhecer este espaço como um campo a ser investigado, e não como prática apenas, mas com sensibilidade pedagógica de ler nas entrelinhas da sala de aula, da escola, da realidade da vida, como o poema “O Fotógrafo” de Manuel de Barros.

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. (...)

Tinha um perfume de jasmim

No beiral de um sobrado.

Fotografei o perfume.

Vi uma lesma pregada

Na existência mais do que na pedra.

Fotografei a existência dela.

Vi ainda um azul-perdão

No olho de um mendigo.

Fotografei o perdão.

Olhei uma paisagem velha

A desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre. (...)

5-DISCUINDO OS RESULTADOS:

Considerando que o projeto encontra-se em andamento, as perspectivas que se apontam como resultado preliminares compõe uma análise profunda, mesma que ainda inconclusa.

As reflexões aqui edificadas se referem mais em momentos de desconstrução para a reflexão de alguns conceitos e de algumas evidências que foram verificadas na trajetória, um exercício de distanciamento frente ao que no momento se constitui como resultados.

A partir desses relatos emergem alguns pontos para análise e aprofundamento dos quais se abrem em mais questionamentos, porque, é um desejo inicial edificar a reflexão e o debate, mais do que considerar dados como fechados em uma conclusão. Essa é a meu ver uma postura coerente e indicada a fazer, dado os limites da brevidade desse relato e por ser as questões fundantes desse estudo surgidas no seio de uma inquietação do trabalho pedagógico, eminentemente no constante devir.⁴

Prática que está aberta à diversidade, que visa a construção do sujeito e das relações interpessoais, fruto de uma pedagogia da sensibilidade, coerente com o referencial teórico Walloniano que considera a pessoa em toda a sua dimensão.

Os resultados obtidos relacionaram-se a criação de estratégias pelo grupo para administrar emoções e sentimentos, a melhoria emocional dos alunos e a conseqüente ampliação da aprendizagem.

AS ESTRATÉGIAS CONSTRUÍDAS PELO GRUPO: A cada vivência após as discussões,

Crianças e professora construíam estratégias para administrar emoções. Como por exemplo: respirar e contar até 10 no momento da raiva; expressar verbalmente o por quê da tristeza, ira, etc; riscar um papel com giz de cera vermelho, amassar e rasga-lo...

MELHORIA EMOCIONAL DO ALUNO: notavelmente houve uma melhora nos estados emocionais das crianças, que procuraram reagir positivamente frente aos conflitos, utilizando as estratégias construídas. Mas é importante deixar claro que não houve intenção de acabar com as crises e conflitos da turma, pois entendemos, segundo Wallom, que as mesmas se

encontram no processo de desenvolvimento da criança, sendo importantes para a construção da personalidade, atribuindo ao conflito eu-outro um significado positivo, dinamogênico. O que se quis, foi dar instrumentos para que possam ter condições de enfrentar obstáculos de forma mais harmoniosa.

Sob o olhar dos pais, diversos foram os comentários acerca de algumas melhorias no comportamento de seus filhos. As crianças vivenciavam em seus cotidianos familiares as reflexões e estratégias da consciência construídas para administração de suas emoções e sentimentos.

Concomitante, as vivências proporcionaram à professora uma ampliação da capacidade de análise reflexiva, onde procurava buscar identificar os fatores geradores das dificuldades enfrentadas e suas reações (irritação, indiferença).

Os avanços conquistados foram significativos, pois resultaram de uma instauração de uma nova prática, que valoriza e considera a interação, o corpo, a arte, a ludicidade. Bem como reforçou a necessidade de que a sala de aula seja um ambiente propício para estas experiências que valorizam e respeitam a voz e necessidades da criança.

Ações e atitudes como essas, que buscam uma educação que ensina a alegria, são interessantes como possibilidade de reconstrução da escola e das práticas educativas. Portanto, como diz Rubem Alves, “os educadores antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos”.

6-CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Tradicionalmente o currículo escolar está predominantemente voltado para a cognição. Os conteúdos trabalhados não incluem o exercício dos conhecimentos e vivências que as pessoas, principalmente as crianças, necessitam para desenvolverem-se autonomamente. Os sentimentos, emoções e relações interpessoais ainda não aparecem no cotidiano das escolas como prática discutida e refletida.

Vislumbrando uma escola atenta às possibilidades e necessidades infantis, acreditamos numa educação voltada para a pessoa completa, com uma prática que contemple o aspecto afetivo, cognitivo e motor e que promova o seu desenvolvimento em todos esses níveis.

Esperamos estar vivenciando em nossa prática, mesmo que de forma iniciante, um trabalho inovador , pesquisador e reflexivo.

Desejamos promover com este relato um intercâmbio de idéias, troca de experiências pedagógicas e especialmente oportunizar às nossas crianças momentos significativos em seu desenvolvimento. A semente foi plantada... Regá-la e fazê-la florescer é uma tarefa diária.

A sementinha

Achei uma sementinha outro dia

Estava bem ao lado da caixa

Perdida no calçamento

Sozinha ao relento

Plantei a pobrezinha no jardim

Ao lado de um tronco de xaxim

Não sei do que será

Nem se vingará

Será a sementinha da flor mais perfumada?

Será a sementinha da rosa maltratada?

Será a sementinha de chá medicinal?

Será a sementinha de árvore de natal?

(Flávio Paiva, CD Samba-lê-lê, faixa 10)

7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. São Paulo: Ars Poética, 1994.

ANTUNES, Celso. Alfabetização emocional: novas estratégias. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DANTAS, Heloísa. A infância da razão. São Paulo: Manole Dois, 1990.

DAY, Jennifer. Visualização criativa com crianças; tradução Paulo César de Oliveira- São Paulo: Cultrix, 1997.

Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal/ Montserrat Moreno... [et al.]; coordenação Ulisses F. Araújo; tradução Maria Cristina de Oliveira.- São Paulo: Moderna, 1999.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GOMEZ, A.P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo.

LUCENA, Maria Socorro. A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. 2. ed. Ver. Aum.-Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PIMENTA, S.G. O estágio na formação do professor. Unidade teoria e prática?. São Paulo: Cortez, 1994.

SCHON, D.A Formar professores como profissionais reflexivos. NÓVOA, Antônio (coord.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

1Relato de um projeto de trabalho sobre afetividade desenvolvido em sala de alfabetização.¹

2Claudiana Maria Nogueira de Melo^[1] está concluindo o Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Leciona Alfabetização numa escola particular de Fortaleza.

3 JENNIFER DAY é consultora qualificada para o controle do stress, com ampla experiência como professora de expressão corporal, produtora e coreógrafa. Há vários anos ela dirige workshops criativos para crianças.

4 Segundo Deleuve, devir significa jamais imitar, nem fazer como. Nem ajustar-se ao modelo.